
**COMO A LITERATURA ROMÂNTICA E MODERNISTA
APRESENTAM OS IMAGINÁRIOS DE INDEPENDÊNCIA
BRASILEIRA**

Estudante: Beatriz Marcondes Schettini (beatrizmschettini@gmail.com)

**Orientador(es): Aline Carrijo de Oliveira (aline.oliveira@ufu.br) e Marcus Vinícius
Furtado da Silva (marcusfsoliveira@ufu.br)**

Escola: Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (Eseba/UFU)

Resumo

Neste ano de 2022, a proclamação da independência do Brasil atinge a marca de 200 anos. O movimento de construção dessa identidade independente da metrópole Portugal pode ser visto refletido na literatura, pois ela é um importante objeto de influência e de reflexo do comportamento social de uma época. Essa reflexão justifica a proposta desta pesquisa: pela conveniência de incluir um debate tão necessário e pouco explorado no meio acadêmico; e por instigar a noção subjetiva de independência atualmente. Objetiva-se, nesse sentido, compreender e problematizar como a literatura de transição e contemporânea se afetam e afetam o imaginário de independência do brasileiro ainda nos dias atuais. Para tal, ir-se-á: mapear os movimentos Romantismo e Modernismo, seus autores e obras; entender a diferença do contexto político, social e econômico de antes com o atual; refletir acerca das influências da literatura no período histórico e vice-versa. Para tanto, a primeira etapa deste trabalho é bibliográfica, para um entendimento dos temas a serem abordados, tomando consciência de quaisquer dados convenientes que já sofreram tratamento analítico. Depois, espera-se que um acervo de textos literários da época seja elaborado, promovendo uma análise cruzada entre as informações literárias e históricas, dando enfoque ao que diz respeito à independência.

Palavras-chave: Independência; Literatura; Formação de identidade nacional.

Introdução

A questão que orienta esta pesquisa está pautada na busca por marcas literárias que remontem o processo de construção da identidade brasileira. É preciso indagar como a

literatura possa ter sido um recurso para criação de um ideal de identidade nacional e como ela ainda possa ser útil nesse projeto – que avanços foram alcançados e quais passos ainda são precisos dar. Acredita-se, nesse sentido, que este projeto apresentará elementos que desenhem uma crescente marca de nação, primeiro enquanto reflexo português e povos dominados; depois, como representação da pluralidade cultural brasileira.

Com o Bicentenário da Independência do Brasil sendo o tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), a valorização de estudos que pretendem a revisitação das questões que envolvem o processo da independência brasileira ganham espaço e a literatura figura, dentre as fontes, um material rico para análise histórica de marcas de identidades nacionais e suas ânsias para a nação Brasil.

Dado o exposto, justifica-se esta pesquisa: pela conveniência de incluir um debate tão necessário e pouco explorado no meio acadêmico; por instigar a noção subjetiva de independência atualmente; e por dar continuidade ao projeto também desenvolvido por outro subgrupo do Grupo de Estudos, Pesquisas e Inovações Tecnológicas (GEPIT), o qual estuda o Período de Transição Literário no Brasil.

Objetivos

Objetivo Geral deste trabalho está em compreender e problematizar como a literatura dos períodos romântico e modernista se afetam e afetam o imaginário de independência do brasileiro ainda nos dias atuais, em uma sociedade que é, em teoria, politicamente independente. Isso posto, pretende-se, ainda, entender a diferença do contexto político, social e econômico de antes com o atual; refletir acerca das influências da literatura no período histórico e vice-versa.

Referencial Teórico

O Romantismo foi uma oposição ao Classicismo; sendo, conseqüentemente, uma oposição ao Iluminismo também, já que o movimento romântico recusa a ideologia racionalista. Em outras palavras, no contexto em que a razão dominava, o Romantismo apresentava histórias fantásticas, chegando a ser considerado inferior e vulgar. Essa ideia pejorativa, entretanto, começa a se desfazer com o tempo: dá-se lugar às figuras românticas

inglesas, que se contrapõem às serenas, da linha clássica francesa; cuja ideologia tem como foco o interior do indivíduo, "seu ego e mundo psíquico". O que prevalece agora não é a obra, o objeto criado em si, mas sim o criador e o ato da criação; por isso, trata-se de uma explosão subjetiva, e não da perfeição objetiva.

Nesse ideal, o Romantismo enxerga as diferenças e a individualidade. O romântico quer sua esfera primitiva e ingênua. Mas está longe dela, e por isso expressa seu sofrimento e a forma como não se sente parte da sociedade.

Já o Modernismo (1922 - 1960), movimento posterior, tem suas origens em um período conturbado da história: o continente europeu encontrava-se em grande tensão política, que acarretaria nas duas grandes guerras mundiais, e a Primeira República (1889 - 1930) finalizava-se para o início da Era Vargas (1930 - 1945). Ademais, a industrialização brasileira ganhava força, trazendo inovações tecnocientíficas para o país. Com a vida moderna ganhando uma face distinta, o nacionalismo em discussão na Europa e a elite sendo questionada por lideranças de viés comunista, não tardou para que fosse organizada a Semana da Arte Moderna de 1922 — como denuncia o nome, um marco (inicial) do Modernismo.

Assim, artistas de todos os formatos produziam suas obras levando em consideração a natureza do século, de se expressar do ponto de vista moderno, tal como era “natural para os antigos terem sido antigos” (MORAES, 1988, p. 223). Dentre as principais características adotadas pelo movimento, encontra-se a reverência à paisagem do país, idolatrando não apenas a natureza, mas esta que se encontra no Brasil e apenas nele.

Ademais, há nos ideais modernistas o desejo de criação, sem necessariamente recorrer à ruptura: como defendia Tristão de Athayde, era necessária “coragem literária suficiente para dizer bem alto: ainda não podemos prescindir de certa imitação” (TELES, 1980, p. 346, *apud* MORAES, 1988, p. 222). Outro modernista que defende tal visão é Mário Andrade, o qual publicou *Mestres do Passado* pouco antes da Semana de 22, trocando o termo “ruptura” por “inovação”.

Assim, a inovação prometida trouxe maior liberdade formal aos textos, em oposição ao acadêmico, o que também trouxe a valorização do popular e a aproximação entre fala e escrita. De forma geral, o Modernismo contribuiu para a formação de um Brasil, de fato brasileiro, buscando no regionalismo, como exemplo, ressaltar as características típicas de diversas regiões, como o mais popular sertão nordestino.

Metodologia

A natureza metodológica do projeto é básica, ou seja, não possui uma finalidade prática ou imediata. Como define Mendes (2013), o objetivo principal de pesquisas designadas assim é divulgar conhecimento e produzir artigos científicos; por isso, ver-se-á tais características no desenvolvimento a seguir. Ademais, por mais que alguns dados a serem apresentados possam ser analisados por uma abordagem quantitativa, entende-se que, em um panorama amplo, a abordagem que predomina é qualitativa, a qual Neves (1996) define como:

[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. (MAANEN, 1979a, p. 520, apud NEVES, 1996, p. 1).

Logo, sabendo que “a pesquisa qualitativa costuma ser direcionada ao longo de seu desenvolvimento” (NEVES, 1996, p. 1) e considerando que o projeto concomitante a este limita sua pesquisa ao Período de Transição (1808 – 1836), compreende-se como passo inicial entender os movimentos de caráter nacionalista que o sucedem, a saber: Romantismo (1836 – 1881) e Modernismo (1922 – 1960). Para tal, aplicar-se-á o método de pesquisa bibliográfico, através da técnica de coleta de dados bibliográfica, para um entendimento mais aprofundado dos temas a serem abordados, tomando consciência de quaisquer dados convenientes que já sofreram tratamento analítico. É evidente, pois, que os objetivos nessa etapa possuem caráter explicativo.

A pesquisa ainda está em andamento, e encontra-se em primeira fase, cujo foco está na coleta de dados a partir das leituras literárias. Quando findada a primeira etapa, espera-se evidenciar um acervo de textos literários e suas marcas que remontem identidades nacionais dos períodos, a partir das análises cruzadas de cada projeto literário lido. Dessa forma, é compreensível que a pesquisa busque, nos textos que prometem apresentar as características de cada movimento, a confirmação prevista — ou, ainda, a resposta inesperada — acerca do pensamento contemporâneo, dos ideais dos autores e da visão de independência nesse período já teoricamente independente.

Ao final da pesquisa, portanto, espera-se que se relacionem as informações literárias com históricas, dando enfoque ao que diz respeito à independência. A análise qualitativa

permitirá a confirmação, ou invalidação, da hipótese previamente estabelecida, permitindo entender o impacto da literatura na formação da independência no imaginário, seja esse impacto forte ou não.

Resultados e Discussão

Ressalta-se que a presente pesquisa funciona concomitantemente à desenvolvida por outras integrantes do Grupo de Estudos, Pesquisas e Inovações Tecnológicas (GEPIT). Dessa forma, já é sabido, pelo desenvolvimento do projeto outro, que a literatura brasileira do período anterior não é, de fato, brasileira – o acervo territorial era predominantemente europeu, consumido pela realeza portuguesa e poucos outros favorecidos que eram alfabetizados.

Já para com as etapas desta pesquisa, as integrantes começaram a se aprofundar nos movimentos do romantismo e modernismo, primeiro e último que limitam a época sucessora do Período de Transição. O Romantismo foi uma oposição ao Classicismo, sendo, conseqüentemente, contra o Iluminismo, pois o movimento romântico recusa a ideologia racionalista. Enquanto no Classicismo prevalece a disciplina, equilíbrio e controle, no Romantismo prevalecem as paixões e os sentimentos, desarmonia no lugar de harmonia. Os classicistas buscam encontrar o que há de semelhante nos fatos históricos e nas pessoas. O Romantismo, por outro lado, enxerga as diferenças e individualidade. Ele, vendo o que torna cada indivíduo diferente, abre caminho para as ciências sociais.

Dado o exposto, a primeira obra analisada foi *Lucíola* (1862), de José de Alencar, cujo enredo condena a prostituição em volta da alta sociedade brasileira da época. Tem-se, assim, um contexto sofisticado, mas com uma sociedade suja: a crítica e a admiração andando lado a lado. O período em que a obra se passa é o Segundo Reinado (1840 - 1889), ou seja, na pós-independência. Todavia, o texto ainda apresenta vestígios da influência europeia no país, a saber: o *Hotel da Europa*, estadia da protagonista; a viagem para a Europa da heroína; e a personagem Couto, descrito como "com alguma excentricidade inglesa" e capitalista, por parecer inglês.

Apesar das referências externas, a obra ainda forma uma imagem do Brasil: do bom ao ruim, questões como a miscigenação nacional e a beleza natural são trabalhadas ao longo da trama como pano de fundo, enquanto a crítica à sociedade que cai em tentações e a

possibilidade de purificação do indivíduo são o principal contraste. E, ainda sobre pureza e depravação, há de se considerar o nome da heroína, “Lúcia”, cuja origem vem da mesma palavra latina que nomeia o diabo bíblico, Lúcifer. A personagem, portanto, adota o nome do anjo caído ao se tornar indigna, abdicando “Maria da Glória”, nome de nascença quando ainda era pura, assemelhando-se ao da mãe de Jesus, Virgem Maria — “a pura”.

Ressalta-se, ainda, que o livro é escrito em primeira pessoa, como uma carta do protagonista a uma senhora — por esse motivo, a narrativa passa a sensação de que Paulo está falando diretamente com o leitor, o que não é por acaso. O público-alvo do romance tratava-se de as mulheres da alta classe brasileira, como um manual de como se comportarem. É possível afirmar, então, que o livro buscava moldar a mulher brasileira, persuadindo-a a seguir os passos de Maria da Glória, e não de Lúcia, se ansiasse por uma vida digna. Evidencia-se, ainda, que a mulher a ser moldada não era a de classe baixa muito menos a da mulher negra — essas estariam fadadas ao profano, sem perspectiva de salvação, sem marido e sem vida fácil.

Em termos de projeto, a próxima escola literária é o Modernismo que, por sua vez, “propunha a renovação no domínio da produção artística” (MORAES, 1988, p. 221), com enfoque ao artista brasileiro, ligado às tradições e buscando inspiração nas classes populares. O levantamento de dados é acompanhado de saberes como autores e obras mais conhecidas por intervalo literário, permitindo o começo de uma visualização para as próximas etapas do projeto, como descritas na metodologia, de analisar, na prática, o ideal buscado em cada movimento – com foco nos ideais independentes.

Para iniciar os estudos nos escritos modernistas foi escolhida a obra *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, pertencente à segunda geração do movimento — de 1930 a 1945, coincidindo com a Era Vargas e com a existência da União Soviética, dois acontecimentos históricos que tiveram influência direta ou indireta no livro. O autor, a princípio, foi um ativista marxista, que chegou a ser preso durante o Estado Novo e filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro em 1945. É possível, conhecendo seus ideais, reconhecer a luta da classe trabalhadora como pauta recorrente em sua obra, repleta não apenas de sua consciência política como de suas experiências no sertão, visto o caráter semi-biográfico. Um importante adendo é que a obra, publicada durante a ditadura Vargas, passou pela censura por fazer críticas ao período anterior a Vargas, abrindo uma brecha ao governo de promover um futuro diferente e melhor.

Dito isso, algumas características da narrativa em questão são: narrador onisciente — o que é essencial, visto que há poucos diálogos em detrimento da animalização das pessoas, que conversam mais por grunhidos e pela violência; e tempo psicológico, dando mais liberdade à história de seguir como lhe convém — como promete a liberdade formal do movimento modernista, a obra analisada muito se assemelha a uma coletânea de contos, e cada capítulo pode ser lido de forma independente sem complicações ao leitor.

Na trama, as personagens são parte de um processo sistemático de exploração, humilhação e alienação, vítimas da miséria e da pobreza, em busca de sua dignidade. A história se passa na Primeira República (1889 - 1930), e o coronelismo é visto na autoridade do fazendeiro que abriga a família protagonista na maior parte da história. Outra *persona* que aparece como crítica é o soldado amarelo, representando o abuso de poder, o qual Fabiano, o homem bruto, ouve e obedece calado, como o bicho que afirma ser a si mesmo no primeiro capítulo.

Os animais do enredo são muitas vezes mais humanos que seus próprios donos, como é o caso de Baleia, a cadela que entende os sentimentos alheios, e o papagaio comido no início da jornada, repetidamente comparado com Fabiano por falar pouco. O ser humano, ao contrário, tira vantagem dos outros utilizando até mesmo de condições naturais (a seca) ou sociais (o analfabetismo de Fabiano). A simplicidade de todos é caso comum, e a única personagem bem instruída do enredo é vista como baldo na seca.

Mesmo com todas as misérias citadas, o texto traz esperança. O formato livre e cíclico iguala início e fim, quando, em ambas as situações, a família encontra-se fugindo da seca em busca de uma melhor situação, sonhando com a possibilidade de educar formalmente os filhos, de ter os bens privados que lhes é necessário etc.. Assim, a representação realista da seca, da miséria e da corrupção não impede a felicidade nas pequenas coisas, como as festas e os jogos, trazendo a mensagem de perseverança ao leitor brasileiro.

Conclusões

Diante do exposto, esta pesquisa visa estabelecer relação direta entre a literatura de transição, romântica e moderna e o conceito de independência no imaginário do brasileiro atual em um país onde, teoricamente, todos os cidadãos já conquistaram a sua independência. Tal pesquisa tem como fundamento o tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia: o

bicentenário da independência do Brasil, e a importância da compreensão do modo como a literatura é um objeto de extrema influência sobre o imaginário popular — e os autores possuem forte influência sobre como as pessoas observam o mundo de modo geral. Por isso, o tema traz uma brecha para estudarmos a relação notável entre arte e política, entendendo a exteriorização do pensar da época na realidade modificável que é a ficção.

Até o momento, a maior dificuldade enfrentada pelas pesquisadoras é o tempo limitado disponível para a análise e pesquisa acerca do material selecionado, e, por isso, o acervo deste apresenta-se reduzido. Contudo, o grupo continua empenhado em problematizar o maior número possível de obras e livros que alavanquem as bases da pesquisa.

Como mencionado anteriormente, o projeto de pesquisa ainda se encontra em andamento. Dessa forma, a hipótese inicial ainda há de ser confirmada. No entanto, analisando-se as obras já estudadas e a pesquisa mais aprofundada com relação ao tema, o grupo encontra-se otimista com relação aos resultados, que sinalizam serem favoráveis ao inicialmente esperado.

O processo de estudo e análise de material prosseguirá, e as pesquisadoras esperam, paralelamente a outro subgrupo do Grupo de Estudos, Pesquisas e Inovações Tecnológicas (GEPIT) e por meio da problematização, crítica e racionalização, encontrar respostas para as perguntas neste relatório propostas.

Referências

ALENCAR, José de. 1829-1877. Lucíola; livro virtual disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000035.pdf>.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. 658 p. v. 5. ISBN 85-03-00131-4136-5.

MORAES, Eduardo Jadim de. Modernismo Revisitado. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p. 220-238, 1 dez. 1988. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2165>. Acesso em: 11 maio 2022.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

ROSENFELD, Anatol et al. Romantismo e Classicismo. **Análise Musical**, Santa Catarina, p. 1-10, 2005. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Rosenfeld_Guinsburg-Romantismo_e_Classicismo.pdf. Acesso em: 11 maio 2022.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.